

Capítulo Um

EMMETT

Isto não está a acontecer.

É impossível a Blakely Bennett estar em Rose Canyon, muito menos no copo-d'água da Brielle e do Spencer. Ela devia estar em Washington, não no Oregon. Isto é um sonho — ou um pesadelo, dependendo do porquê de estar aqui.

— Lindo — resmungo, enquanto vejo a mulher que me assombra atravessar a sala como se fosse dona disto tudo.

— Quem é? — pergunta a Brielle ao Spencer.

É um mundo de problemas e um monte de coisas que tentei esquecer. Passo os dedos pelo cabelo.

— Não pode ser!

— Hã... Emmett? — O Spencer agarra-me por um ombro. — É a...

— Sim.

A Brie suspira.

— Podes dar-me uma pista?

— É a Blakely Bennett. Esteve no exército com o Emmett.

— Ah! São amigos? — pergunta a Brie, mas eu não consigo parar de olhar para a Blakely.

Só consigo pensar no que raio estará aquela mulher a fazer aqui.

Fiz o que me pediu. Não estou a ser difícil.

O sedoso cabelo castanho-escuro balouça a cada passo que dá. Consigo sentir aqueles olhos castanhos quentes com laivos amarelados a observarem-me.

— Acho que sim. Ela era sua superiora e socorrista da unidade.

Viro-me para ele, a precisar de um segundo para me controlar. Olhar para ela é como olhar para o sol. Magoa e impressiona, muito depois de desviares os olhos.

— Não. Tínhamos a mesma patente — esclareço. Ambos nos alistámos, e ela não era minha superiora.

— Ela era mesmo sua superiora — sussurra-lhe o Spencer.

Mais tarde trato dele.

Ela aproxima-se, parando mesmo à minha frente, e, juro por Deus, não consigo respirar. Porra! É tão bonita, tão tudo, e continuo a sentir que não sou suficientemente bom para estar na sua presença. Sempre o senti. Continuo a querer jogar-me aos seus pés, o que me irrita.

— Olá, Maxwell. — Aquela voz suave, doce e angelical envolve-me.

Mas não há nada de angélico na Blake. Ela mata-te enquanto estiveres a dormir, e eu nunca devia ter confiado nela.

— Bennett — digo num só fôlego.

A Blake vira-se para o Spencer, continuando a sorrir.

— Bem me pareceu que eras tu, Cross. Estás com ótimo ar, tão feliz.

Abraçam-se, e eu cerro o maxilar para não dizer uma estupidez. O Spencer tem um casamento feliz e não está minimamente interessado na Blake. Eu também não. Nem um bocadinho. Ela é apenas... a Blakely.

— Porque estou. É um prazer ver-te, Blake — responde ele.

— A ti também, e ouvi dizer que é o teu copo-d'água? — continua ela, fingindo ignorar a minha presença.

— Ouviste bem — anui. — Apresento-te a Brielle, a minha mulher.

A Blakely prende uma madeixa de cabelo atrás da orelha e estende a mão à Brielle.

— Prazer em conhecer-te. Conheço o teu marido de um treino de formação que fizemos. Desejo-vos as maiores felicidades.

— Obrigada.

Chega de conversa fiada. A Blakely não atravessou o país sem avisar para nada. Ela quer algo de mim, e eu gostaria de saber exatamente o quê.

— Porque estás aqui, Blakely? — pergunto, e ela inclina a cabeça para um lado, batendo aquelas pestanas longas e escuras.

— Vim ver-te, querido.

Claro que sim. Depois de ter recebido os papéis do divórcio, aposto que veio até aqui só para me irritar.

— Enviei-te os papéis há meses.

— Não estou aqui para isso — diz, enquanto abana uma mão desvalorizando o meu comentário. — Vim por outra coisa.

— Que papéis? — pigarreia o Spencer.

A Blakely encolhe os ombros.

— Os papéis do divórcio.

Em vez de gritar, como me apetece, resmungo, passando uma mão pela cara.

— Caramba.

— És casado? — A Brielle praticamente grita.

Uma horda de curiosos vira-se para olhar para mim. Que bom, isto vai ser mesmo o único tema de conversa desta gente. Olho para o Spencer e para a Brielle.

— Sim, a Blakely Bennett é minha mulher. E, se me dão licença, preciso de falar com ela a sós.

Agarro na mão dela e puxo-a em direção à grande porta de vidro. A minha mulher não parece nem um pouco perturbada enquanto acena um breve adeus a todos os que olham para nós.

— Tenho a certeza de que nos veremos em breve.

O raio é que vai. Vou metê-la de novo num avião e mandá-la para casa o mais rápido que puder. Sempre que está por perto, as coisas correm-me mal. Esqueço-me de quem sou e torno-me no homem de quem ela precisa, mas nunca vai querer.

Ou que quer, mas não vai ter. Tive de pôr alguma distância entre nós, mas, aparentemente, não foi a suficiente para a manter afastada.

Quando saímos para o alpendre, o ar fresco ajuda a desanuviar a minha mente confusa.

— Desembucha — digo, mais veemente do que pretendia.

— Sê simpático, Emmett, não costumas ser um idiota.

— E tu não estás aqui por teres saudades minhas.

— Tens razão, não foi por isso que vim, mas tenho saudades tuas — sorri. — Como estás? Ouvi dizer que és o xerife desta terrinha.

Fecho os olhos por um instante e suspiro.

— Sim, sou. Bem, na verdade, sou xerife do condado, mas estou contratado para trabalhar aqui.

— Muito bem, e como estás?

— Estou ótimo — minto.

— É bom saber.

— Porque estás aqui, Blakely? — pergunto entredentes. — Enviei-te os papéis do divórcio, quero acabar com isto de vez, mas tu não os devolveste assinados. Por isso, o que te traz cá, se não para nos dares o que ambos queremos?

— Como já disse, não estou aqui por causa do divórcio, coisa que nunca disse que queria.

Não, nunca disse que o queria, mas deixou bem claro que não *me* queria, quando me deixou naquela noite. Solto pelo nariz um suspiro pesado.

— Estás a dar cabo de mim.

— Antes pelo contrário, estou aqui para garantir que ninguém dá cabo de ti.

Esta mulher confunde-me.

— Está bem...

— Vais acabar por me agradecer.

— Ou podes dizer-me quem é que achas que vai dar cabo de mim.

Ou seja, ninguém. São só balelas.

— Tenciono dizer, mas, primeiro, não vais perguntar como tenho passado? — A Blakely muda estrategicamente de assunto.

— Pergunto quando responderes à minha pergunta.

Ela encolhe os ombros e dirige-se para a balaustrada.

— Este sítio é lindo. É tal e qual como o descreveste. Muito pitoresco, e as pessoas são todas simpáticas. Conseguí encontrar-te em minutos.

Por vezes, as pessoas desta cidade são demasiado ingénugas. Não têm noção do perigo nem da quantidade de estragos que alguém pode causar munido apenas de algo tão básico quanto a localização de uma pessoa,

mas ela e eu temos essa noção. Os anos de treino militar levaram-nos a ser cautelosos com tudo e todos.

— Ainda bem que as minhas descrições correspondem às tuas observações — digo, não me apetece nada fazer conversa fiada. — Bennett?

— Sim, fofo?

— A sério?

— Não nos vemos há dois anos e meio. Senti a tua falta. Podemos pôr a conversa em dia, por favor, e depois prometo dizer porque estou aqui e por quanto tempo tenciono ficar em tua casa, o que vais ter de aceitar, visto que não há hotéis por aqui.

— Não.

— Não a quê?

Inclino o rosto para o céu e rezo por uma intervenção divina.

— Não a tudo.

Um ronco profundo sai-me do peito. Ninguém me deixa tão louco quanto ela. E o pior é que, neste momento, só me apetece puxá-la para os meus braços e beijá-la até ela se derreter.

— Senti falta desse rosnar — diz a sorrir.

E eu sinto falta de ter as coisas sob controlo e, perto dela, não controlo nada.

— A minha paciência está por um fio.

— Então sê simpático e pergunta-me o que ando a fazer. Quem sabe, talvez consigas obter a tua resposta.

Esta mulher pode ser muitas coisas, mas manipuladora, não. Sempre nos valorizámos o suficiente para sermos sinceros um com o outro. Quando se comanda uma unidade militar, há que confiar na pessoa que nos protege. Eu e a Blakely fizemos logo equipa. Eu tratava de toda a logística, e ela era a nossa socorrista. Ela garantia que os soldados eram bem tratados, e eu garantia que ela estava segura.

Ou, pelo menos, tentei.

Casámo-nos por todas as razões erradas, ou talvez fossem as certas na altura. Éramos ambos solteiros, queríamos ganhar algum dinheiro extra e, acima de tudo, eu não queria que ela saísse da unidade. Era apenas papelada — isto é, até eu me apaixonar.

Como não? Ela é perfeita, tirando o facto de se recusar a amar alguém. Essa parte já não é assim tão perfeita.

— O que andas a tramar, minha linda mulher? — pergunto, especulado diante dela, enquanto tento silenciar a minha frustração.

— Que gentil da tua parte perguntares. — A mão dela toca-me no peito, e uma corrente demasiado familiar atravessa-me. Os seus olhos encontram os meus e, quando a ouço suster a respiração, sei que ela também a sente. Dá um passo atrás, abanando a cabeça. — Estou a gerir uma empresa de investigação privada que opera a partir de Washington.

— A sério? Quando é que saíste do exército? — pergunto, chocado.

— Depois de seres dispensado, aceitei um emprego no FBI. Ia dirigir um programa de formação de socorristas, mas acabei por integrar o grupo de trabalho sobre pessoas desaparecidas. Assim que saí do exército, decidi ficar em Washington, deixei o FBI, cansada da burocracia, e abri a minha própria empresa.

— Tu o quê?

— Nada de especial, saí há dois meses.

— Porque é que saíste?

— Porque estava farta de o governo ser meu dono. A política e o drama... é ridículo. Recentemente, consegui alguns clientes e pude usar os meus contactos no FBI para obter informações.

— Ilegalmente?

— Por favor, não estou sujeita às mesmas regras de quem trabalha para uma agência — bufa.

— Ok, agora és detetive particular, mas porque é que estás aqui?

A Blakely encosta-se à balaustrada, com as longas pernas cruzadas nos tornozelos.

— Tenho pensado em ti, Emmett.

A sua confissão atordoa-me. Não é que não fôssemos chegados. A nossa amizade nunca vacilara, até ela me ter abandonado naquela noite. Até eu perceber que não podia ficar perto dela porque ia apaixonar-me ainda mais pela minha mulher.

— Também pensei em ti. — Esta confissão sai-me com demasiada facilidade, e ela afasta-se da balaustrada e aproxima-se de mim.

— Então porque é que não me ligaste?

— O telefone funciona nos dois sentidos, amor.

Ela sorri.

— Devias ter-me ligado primeiro, e sabes bem porquê.

Porque, em dois anos e meio, a única resposta que teve aos inúmeros *emails* que me enviou foi um *email* com uma linha e os papéis do divórcio.

— Devia ter-te avisado.

— Teria sido bom.

— Não pensei muito nisso porque, basicamente, éramos colegas de quarto com um salário elevado.

Ela aproxima-se, com o cabelo castanho-escuro a brilhar à luz da tarde.

— Ainda assim, magoou-me, Emmett. Nem um bilhete nem uma mensagem. Não tive resposta durante anos, e quantos *emails* enviei? Nada de nada, tirando um tipo que bateu à minha porta, entregou a papela e me declarou notificada. E nem sequer vamos falar das merdas que levaram a isso.

Sinto-me uma besta, mas tinha de ser assim. Estamos ambos a viver num passado construído sobre mentiras. Preciso de ser livre para viver a minha vida e seguir em frente. Porque, quando percebi que me estava a apaixonar por ela... que queria estar casado em todos os malditos sentidos da palavra, ela lembrou-me porque é que isso não era possível.

— Pensei que não tinhas vindo cá por isso.

Ela encolhe os ombros.

— E não vim, mas tu eras a cereja no topo do bolo desta viagem. Estou aqui porque te meteste numas merdas, querido, e, sendo a esposa amorosa que sou, vim aqui para te safar, antes que acabes morto.